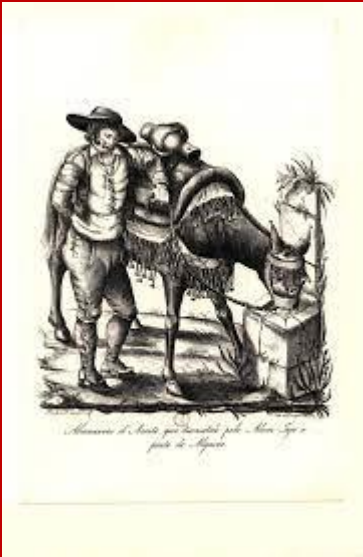


ALMOCREVE

Antigamente (até séc.: XIX)

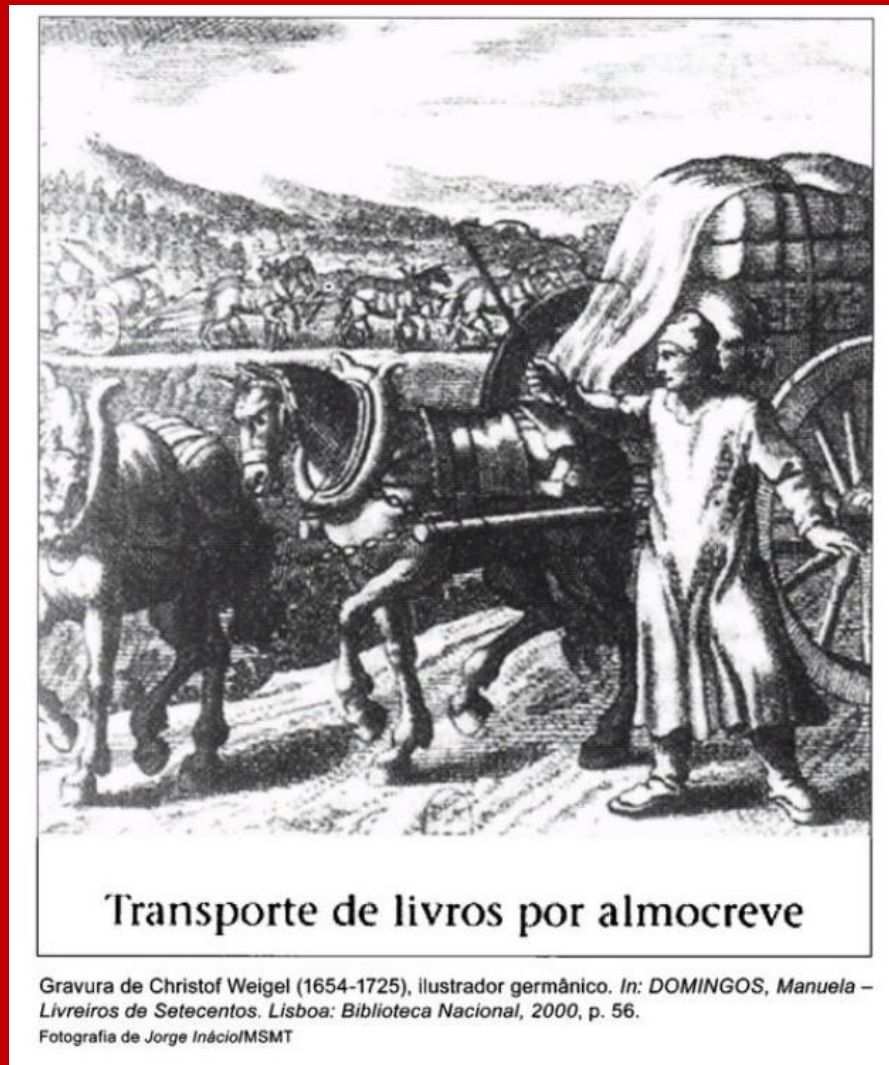
A palavra deriva do árabe “al-mukari”, alquilador, pessoa que aluga ou alquila, especialmente aquele que aluga trens ou cavalos. (...)



Os almocreves, alguns além de agricultores, tinham também “por ofício conduzir bestas de carga” (Figueiredo, 189) e transportar “mercadorias, recados, pessoas”, estabelecendo com certa regularidade as relações de povoado a povoado, tornando-se personagem essencial á vida das comunidades rurais.

Este comercio se fazia sobre cavalgaduras, que carregavam de 6 a 8 arrobas cada uma, por 4 a 5 léguas por dia. (Arroba=12 kg e Léguas= 5 km).

Utilizavam muitas vezes, as rotas marítimas ou fluviais, mais baratas e rápidas que as terrestres. Acorriam aos mercados e feiras para vender seus produtos. Os mercados eram realizados nas cidades em um dia da semana ou vários. As feiras eram bem maiores, ocorriam duas ou três vezes por ano e envolviam mercadorias de vários lugares.



CARVOEIROS E ALMOCREVES

Fonte: gralheira.net

Por não haver uma estrada que permitisse a circulação automóvel, almocreves e carvoeiros cruzavam a serra em todas as direcções. Eram eles os transportadores de tudo através da serra nas constantes viagens que penosamente faziam, sobretudo entre a região do Paiva e Lamego, onde a Gralheira surgia como ponto intermédio e de passagem obrigatória. Transportavam batatas de Penude que vendiam na Paiva e, de volta, traziam milho, azeite e carvão para Lamego. Vinho, mercearia, bagagens, tudo era transportado por almocreves, em odres ou sacos que carregavam no dorso das mulas.



Todo este movimento justificava a existência duma albergaria onde pudessem pernoitar e acolher as bestas. Para isso havia a pensão do Sr. Cardoso, mais conhecido por «Brasileiro» que ali dava guarida a ricos e pobres. Tanto recebia em sua casa o carvoeiro sujo e humilde, como o caçador ou turista mais fidalgo. Nunca nenhum desgraçado lhe bateu à porta que não encontrasse uma malga de caldo para matar a fome e uma cama ou palheiro para dormir. A casa era grande e do sótão fazia camarata onde albergava os mais humildes. Nos quartos alojava os de maiores recursos financeiros, a quem cobrava caro pela hospedagem para compensar o pouco ou nada que recebia dos pobres.

Tudo isto se passou nas primeiras décadas deste século e já nessa altura aquela pensão não era iluminada a petróleo. De um grande gasómetro instalado à entrada da casa, alimentado a carboneto, partiam tubos cheios de gás que se ramificavam pelo edifício, com interruptores e bicos nos terminais que, uma vez acesos, enchiam a casa de brilhante luz. Com a morte do «Brasileiro», no fim dos anos trinta, tudo acabou. A pensão fechou e o gasómetro não voltou a funcionar.

Mas os almocreves e carvoeiros continuaram a lutar pela vida e a percorrer a serra ainda durante muitos anos. Só na década de sessenta desapareceram definitivamente. Quantas vezes foram surpreendidos na serra pelo cair da noite, no meio de terríveis tempestades de chuva e neve, com o ribombar dos trovões a fazerem alternância ao uivar dos lobos. Na escuridão, que só os relâmpagos quebravam aqui e além, era impossível seguir o invisível carreiro que os devia conduzir a porto seguro, à povoação da Gralheira. Embrenhados em densos nevoeiros e fustigados por fortes ventanias, quantas vezes se perderam, caminhando sem rumo e à mercê do destino. Depois de andarem errantes pela serra durante longas horas, chegavam à aldeia quase a sucumbir de frio e fome, com a última esperança de salvamento desvanecida.

Lembro-me de, num certo dia de terrível tempestade, ter batido à porta da nossa humilde casa um almocreve de Penude com o burrito carregado de milho. As fortes pancadas que bateu na porta traduziam bem o desespero que lhe ia na alma. Depois de acolhido com a solicitude e carinho que nos era possível, o homem, de lágrimas nos olhos, contou a sua triste viagem. Perdera-se na serra e caminhara à sorte, sem saber para onde. Quando viu a luz da nossa candeia através da janela, quase não quis acreditar que estava salvo. Nesse dia tínhamos cozido a fornada e à noite havia serão. A casa estava quente e o homem pode enxugar as roupas molhadas, depois de substituídas por outras, postas à sua disposição. O burrito foi guardado no curral, com feno na manjedoura. Ao almocreve foi fornecida ceia e cama e, no dia seguinte, retomou a viagem.

Antes de partir deixou, como recompensa, palavras de agradecimento e lágrimas de reconhecimento. Muitos outros tiveram igual sorte. O último carvoeiro a percorrer a serra foi o tio Joaquim Maravilhas, de Penude, que por ali andou enquanto as forças lho permitiram. Jumenta ruça à frente, carregada com três sacas de carvão, que quase lhe encobriam as orelhas, e Joaquim Maravilhas atrás, com meia saca às costas e tamancos

ferrados a guilhos nos pés, que faziam grande ruído no lajedo do caminho, em alternância ou sincronia com as ferraduras da ruça. Durante muitos anos, esta imagem entrou no quotidiano da gente da Gralheira. Homem e burra faziam parte da paisagem serrana e era frequente ver-se a sua silhueta projectada no horizonte, nos cerros da Costa Lapa. Joaquim Maravilhas era figura típica da região do Paiva e de toda a serra. Muito carvão transportou do Perneval e das Levadas para Lamego. Ali gastou quase toda a sua vida. Com a sua morte, desapareceram os carvoeiros.

O carreiro por eles trilhado em direcção às Portas de Montemuro, já desapareceu na densidade do matagal. Mas não foram só os almocreves e carvoeiros que enfrentaram na serra as tempestades e as ameaças dos lobos. Algumas mulheres trilharam o mesmo caminho na luta pela vida. Tia Rosa, Delfina e Maria Augusta, três das mulheres que passaram os melhores anos das suas vidas, a transportar mercadorias à cabeça, para a Paiva e vice-versa. Das três, só a Maria Augusta sobrevive e ainda recorda e conta as suas atribuladas peripécias. A Rosa e a Delfina, que durante a vida foram companheiras e partilharam alegrias e tristezas, nem a morte as separou, pois faleceram no mesmo dia e foram colocadas lado a lado na mesma sepultura.

Pelo que ficou dito, facilmente se compreende a razão por que a gente da Gralheira sempre foi mais aberta e comunicativa que qualquer outra da região. O seu permanente contacto com pessoas estranhas, que por ali passavam, deu-lhes novos conhecimentos e outras normas de convivência. Talvez por isso, o povo da Gralheira é considerado bom e hospitaleiro.